

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
CURSO DE TERAPIA OCUPACIONAL**

TATIANA DE SOUSA FERREIRA

**OS PROCESSOS DE ENTRADA E PERMANÊNCIA DAS TRAVESTIS E DAS
MULHERES TRANSEXUAIS NO MERCADO DE TRABALHO**

JOÃO PESSOA - PB

2017

TATIANA DE SOUSA FERREIRA

**OS PROCESSOS DE ENTRADA E PERMANÊNCIA DAS TRAVESTIS E DAS
MULHERES TRANSEXUAIS NO MERCADO DE TRABALHO**

Monografia apresentada ao Departamento de
Terapia Ocupacional da Universidade Federal da
Paraíba, como requisito parcial para a conclusão
do Curso de Terapia Ocupacional.
Orientadora: Prof^a. Beatriz Prado Pereira.

JOÃO PESSOA - PB

2017

F383p Ferreira, Tatiana de Sousa.

Os processos de entrada e permanência das travestis e das mulheres transsexuais no mercado de trabalho / Tatiana de Sousa Ferreira. -- João Pessoa: [s.n.], 2017.

42f. : il.

Orientadora: Beatriz Prado Pereira

Monografia (Graduação) – UFPB/CCS.

1. Mulheres transsexuais. 2. Gênero. 3. Transexualidade - mercado de trabalho.

BS/CCS/UFPB

CDU: 305.331.526(043.2)

FOLHA DE APROVAÇÃO DA MONOGRAFIA DA ALUNA TATIANA DE
SOUSA FERREIRA DEFENDIDA EM 19 DE MAIO DE 2017

Beatriz P. Pereira

Prof. Beatriz Prado Pereira
Orientadora e presidente da Banca examinadora

Thaís Munholi Raccioni

Prof. Thaís Munholi Raccioni
Membro da Banca examinadora

Lara Falleiros Braga

Prof. Lara Falleiros Braga
Membro da Banca examinadora

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a todas as travestis e mulheres transexuais, por suas lutas, resistências, dores e cores. No desejo e esperança de um dia termos um mundo melhor e igualitário.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a força maior que me fez estar aqui e me guiou durante toda essa caminhada.

Agradeço profundamente aos movimentos sociais, pois foi através deles que aprendi a ser uma pessoa melhor, entendendo a importância de reivindicar nossos direitos e, principalmente, de lutar pelos direitos das populações socialmente excluídas.

À todas as travestis e mulheres transexuais desse país, especialmente aquelas que colaboram com esse trabalho, pela confiança e partilha de suas vivências. Minha admiração é de vocês.

Aos meus pais, por todo afeto e compreensão das minhas ausências, ainda à minha mãe pela paciência e incentivo.

Agradeço de coração aos meus avós, por toda sensibilidade, cuidado e amor que sempre demonstraram à mim.

À Patrícia, por ser porto seguro, me atravessando de luzes e canções. Por ser sempre sorrisos e enxergar o melhor de mim. Por ser o azul e todas as cores do nosso amor-liberdade.

Ao apartamento 102, nas pessoas de Letícia, Alice e Viviana, que me mostraram o verdadeiro sentido de um lar e por compartilharem comigo os melhores e maiores sorrisos.

Ainda a Alice, por acreditar no amor quando nem eu acreditei. Por todas às vezes que me perdi e pude me reconhecer em seu olhar. Pela poesia que exala e me guia de volta. Por nosso amor de alma, desejando que este perpassasse vidas.

À Prof^a Beatriz, por transbordar em seu sorriso leveza, fazendo deste um processo mais fácil. Por desconstruir a hierarquização orientador-orientando da forma mais bonita. Agradeço ainda pelo empenho, paciência e dedicação no decorrer das orientações.

Às Prof^{as} Barbara e Marília, por serem abraço-colo, inspirações, força e apoio durante o

curso. Vocês foram o “porque” (bem juntinho) da minha permanência e consequentemente dessa construção.

Às Professoras Iara Falleiros e Thaís Raccioni, por aceitarem fazer parte desse processo.

Aos meus amigos e familiares, pelo carinho, por ressaltarem o significado de alegria e por todas as vezes que me apoiaram direta ou indiretamente.

Agradeço ao Centro de Cidadania LGBT de João Pessoa - PB pela acolhida e confiança para realização da pesquisa.

Ferida na carne,
o Estado é Laico!
Você tem sede de quê?
Você tem fome de quê?
A gente não quer só esquina,
a gente quer escola e dignidade.
A gente não quer só ser puta,
a gente quer escola não pela metade!
A gente não quer só escola,
a gente quer emprego e cidadania.
A gente não quer só esquina,
a gente quer a vida como a gente quer!
[...] A gente não quer preconceito,
a gente quer direito pra aliviar a dor!
A gente não quer só dinheiro,
a gente quer dinheiro e dignidade.
A gente não quer só dinheiro,
a gente quer acesso pra diversidade!
O amor vence o ódio.
Quero dignidade,
diversidade.
Quem é trans, também quer!!

Música “Ferida”, interpretada pela cantora Renata Peron e escrita por Symmy Larrat. Paródia da música “Comida” de Arnaldo Antunes, Marcelo Fromer e Sérgio Britto.

RESUMO

A partir da definição de masculino e feminino, construída pela sociedade, são impostos padrões de comportamentos. Essa classificação parte de uma compreensão biologizante dos gêneros, que trata gênero como uma configuração puramente genital onde tal classificação deverá ser seguida à risca pelos indivíduos. Entretanto, existem pessoas que não se encaixam nessa determinação binária, reducionista e limitadora dos gêneros. Portanto, as travestis, as mulheres e os homens transexuais enfrentam problemas com situações aparentemente comuns como estar em lugares públicos sem serem intimidadas ou conseguirem uma vaga de emprego sem que sua identidade de gênero restrinja as possibilidades e os locais de trabalho. A pesquisa cuja abordagem caracteriza-se como qualitativa teve por objetivo geral compreender como se dá o acesso e a permanência das travestis e das mulheres transexuais em uma das esferas do convívio social, o mercado de trabalho. Para tanto, como instrumento de coleta de dados, foi utilizada a entrevista semiestruturada, com as mulheres que aceitaram serem colaboradoras. Os dados foram analisados segundo os referenciais teóricos e metodológicos da sociologia e do trabalho, buscando levantar categorias de análise, temas e reflexões pertinentes para serem discutidas. Pode-se perceber que as trajetórias de suas vidas foram e são marcadas por diversas violências, essas marcas são impressas quando se evidencia os direitos que lhes foram negados pelo fato de não corresponderem as expectativas que lhe foram atribuídas socialmente, empurrando-as para uma situação de vulnerabilidade social, contornadas pela fragilidade dos vínculos de trabalho ou das relações sociais. Faz-se necessário que sejam construídas políticas públicas para inserção dessa população na sociedade em todas as esferas sociais que lhe são de direito, que estas ganhem visibilidade pelo potencial profissional e pessoal que elas possuem e não por uma imagem preestabelecida que as tem como abjetos.

Palavras-Chave: Trabalho; Mulheres Transexuais; Travestis, Transexualidade; Gênero.

ABSTRACT

From the definition of masculine and feminine, constructed by society, are imposed patterns of behavior. This classification is based on a biologizing understanding of genres, which treats genre as a purely genital configuration where such classification should be followed strictly by individuals. However, there are people who do not fit into this binary, reductionist and gender-limiting determination. Transvestites, transsexual women and men therefore face problems with seemingly common situations such as being in public places without being intimidated or getting a job vacancy without their gender identity restricting possibilities and workplaces. The research whose approach is characterized as qualitative had as a general objective to understand how the transvestites and Transsexuals women access and stay in one of the spheres of social interaction, the labor market. For this, as a data collection instrument, the semi-structured interview was used, with the women who agreed to be collaborators. The data were analyzed according to the theoretical and methodological references of sociology and work, aiming to raise categories of analysis, themes and relevant reflections to be discussed. It can be noticed that the trajectories of their lives were and are marked by various violence, these marks are imprinted when the rights denied by them are evidenced by the fact that they do not fulfill the expectations that were attributed to them socially, pushing them to a situation Of social vulnerability, overcome by the fragility of work links or social relations. It is necessary to build public policies for the insertion of this population in society in all social spheres that are entitled to it, that these gain visibility for the professional and personal potential they have and not for a pre-established image that has them as abject.

Key-words: Work; Women Transsexuals; Travestites, Transsexuality; Genre.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABGLT - Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais

ANTRA - Associação Nacional de Travestis e Transexuais

CID - Classificação Internacional de Doenças

DSM - Manual Diagnóstico e Estatístico de Doença Mental

GGB - Grupo Gay da Bahia

GLBT - Gays, Lésbicas, Bissexuais e Travestis (Sigla antiga)

LGBT - Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros

PB - Paraíba

SENAC - Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial

TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TT - Travestis e Transexuais

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	13
1.1 Não se nasce mulher, torna-se: (des)construindo conceitos e concepções	13
1.2 As implicações do “ser diferente”	15
1.3 A importância do trabalho e a inserção das mulheres TT	17
2. PROCEDIMENTOS DA PESQUISA.....	20
2.1 Metodologia.....	20
2.2 O caminho até as colaboradoras e os aspectos éticos	20
2.3 Procedimento metodológico	22
2.4 Análise de dados	23
3. RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	24
3.1 Do que você preestabeleceu, sou o avesso.	24
3.2 Trans ou Travesti na luz do dia? Caminhos percorridos	28
3.3 A violência nua nas curvas do Trans-parecer e do Tra-vestir-se.....	32
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	37
5. REFERÊNCIAS.....	39
6. APÊNDICE	42
Apêndice 1 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	42
Apêndice 2 - Roteiro da Entrevista Semiestruturada.....	44

1. INTRODUÇÃO

1.1 Não se nasce mulher, torna-se¹: (des)construindo conceitos e concepções

A presente pesquisa partiu da necessidade de (re)conhecer os processos de acesso e os possíveis impactos e desafios enfrentados pelas travestis² e mulheres transexuais³ no mercado de trabalho, como também as formas de ser, estar-se e tornar-se mulher dentro de uma sociedade com padrões de gênero predefinidos e/ou preestabelecidos.

A sociedade, em sua maioria, espera e impõe que todas as pessoas se adaptem ao estereótipo de gênero considerado natural para seu sexo anatômico, mas nem todas as pessoas se encaixam nessa determinação binária⁴, reducionista e limitadora dos gêneros. Assim, seguindo o pensamento de Bento (2008), o sexo é definido na descoberta da genitália da criança, mas existe também uma construção cultural, histórica e social sob a concepção de gênero.

Há uma constante necessidade de definição de tudo que se vê ou encontra, nas questões de gênero isso também está arraigado, buscando-se constantemente uma explicação ou características ideais que identifiquem o que seria um homem e uma mulher de verdade. Na definição de masculino e feminino, construída pelo senso comum, são impostos alguns padrões de comportamentos de como ser mulher e homem, essa classificação parte de uma compreensão biologizante dos gêneros, que o trata como uma configuração puramente genital onde os padrões normativos determinados deverão ser seguidos à risca pelos indivíduos.

Para Jesus (2012),

¹Frase de Simone Beauvoir em seu livro “O Segundo Sexo” de 1949, que se tornou mundialmente conhecida.

²É atrelado ao termo *travesti* um contexto mais histórico, de desencadeadoras das lutas de identidade de gênero. Nos dias atuais as travestis são ligadas a uma figura hipersexualizada relacionada, quase diretamente, à prostituição, à criminalidade e à marginalidade, tais adjetivos são “justificados” pela grande quantidade de mulheres que trabalham na prostituição e se autodenominam travestis. (BARBOSA, 2013). Porém, não pode ser negado que as travestis também tem a sua identidade de gênero oposta ao seu sexo biológico e que as construções de classe social, raça e o acesso a conceitos influenciam na utilização do termo transexual, como uma forma de “higienizar” essa população e é usado também como uma forma de inserção no meio social (Manual de Comunicação LGBT, 2010).

³*Transexual* é descrito como um termo genérico que caracteriza a pessoa que não se identifica com o gênero que lhe foi atribuído em seu nascimento. Adotando-se uma perspectiva inclusiva que valoriza a forma como as pessoas se reconhecem e vivem, entende-se que mulher transexual é aquela que reivindica o reconhecimento social e legal como mulher (JESUS, 2012).

⁴*Binarismo* é a legitimidade de apenas dois gêneros, feminino e masculino, construída e imposta socialmente, ou seja, é uma crença, construída ao longo da história da humanidade, em uma dualidade simples e fixa entre indivíduos dos sexos feminino e masculino (JESUS, 2012).

sexo é biológico, gênero é social, construído pelas diferentes culturas. E o gênero vai além do sexo: o que importa, na definição do que é ser homem ou mulher, não são os cromossomos ou a conformação genital, mas a auto-percepção e a forma como a pessoa se expressa socialmente (JESUS, 2012, p. 8).

Butler (2007) relata que “o sexo não é um simples fato ou a condição estática de um corpo, mas um processo pelo qual as normas regulatórias materializam o ‘sexo’ e produzem essa materialização através de uma reiteração forçada destas normas” (p.154). Partindo destas compreensões, percebe-se que o sexo biológico não pode determinar o que é ser homem ou mulher e suas formas de agir, pensar e se comportar. Não se pode limitar as pessoas ao sexo com o qual nascem ou a composição biológica, mas devemos considerar também os componentes que contribuem para a construção social (SOUSA, 2014).

As pessoas trans⁵ e as travestis representam as maiores contestadoras do condicionamento determinista do gênero ao sexo, uma vez que, por meio de suas autoidentificações, que podem ou não envolver transformações corporais, visam ser identificadas como pessoas do sexo oposto ao designado (BRITO; ROZÁRIO; ALMEIDA, 2014).

Arán, Zaidhaft e Murta (2008), afirmam que “a transexualidade é compreendida como o sentimento do indivíduo de não poder corresponder às expectativas definidas socialmente para o seu sexo anatômico” (p.72). Partindo do pressuposto que somos criados pelo padrão da heteronormatividade⁶ e, por conseguinte, estarmos psicologicamente embutidos de padrões heterossexuais⁷, o processo citado está longe de ser fácil, principalmente, por haver uma relação de repulsa pelas diferenças, onde as mulheres TT⁸ são consideradas como desviantes.

Nesse mesmo contexto de estigmas, as suas identidades de gênero são consideradas patologias pela medicina e são categorizadas como “transtornos de identidade sexual”, de acordo com a Classificação Internacional de Doenças CID-10. A versão mais recente do Manual Diagnóstico e Estatístico de Doença Mental, o DSM 5, classifica as pessoas

⁵ Abreviação para transexuais.

⁶ Lemões (2016) relata que a *heteronormatividade* “se configura em desempenharmos papéis de homens ou mulheres, ou seja, sexo, gênero e identidade, devendo seguir esta ordem determinada pela genitália, pelo corpo, para a constituição da identidade” (p.54).

⁷ De acordo com o Manual de comunicação LGBT (2010), *heterossexual* é o “Indivíduo amorosamente, fisicamente e afetivamente atraído por pessoas do sexo/gênero oposto. Heterossexuais não precisam, necessariamente, terem tido experiências sexuais com pessoas do outro sexo/gênero para se identificarem como tal” (p.13).

⁸ Refere-se as travestis e mulheres transexuais.

transexuais como portadores de “disforia de gênero”. O que reflete, direta ou indiretamente, na segregação e higienização dessas pessoas, pois mesmo para efetivação dos seus direitos (como o da saúde) elas “precisam” continuar descritas em um manual que pretende diagnosticar transtornos mentais e de classificação de doenças e isto, quer queira ou quer não, evidencia o lugar que elas ocupam dentro da sociedade.

Tudo isso contribui para uma imagem negativa dessa população ao mesmo tempo em que lhe cobram padrões e processos de normatização. Seguindo esse pensamento Bento (2011) afirma que “são múltiplas as violências cometidas contra as pessoas transexuais. A patologização social dessa experiência identitária talvez seja a mais cruel, pois irradia a convicção de que são pessoas inferiores” (BENTO, 2011, p.55).

1.2 As implicações do “ser diferente”

Para Souza e Carrieri (2010) “a normalidade, ou o que é dito normal e aceito como tal, faz com que vários grupos sejam excluídos e vistos como sendo anormais, abjetos, em função de seus corpos” (p.56). Isso reflete na capacidade que a normatividade tem para regular e determinar a impossibilidade de vida fora desses marcos (masculino/homem e feminino/mulher).

Corroborando com esse pensamento, Garcia (2009) complementa que as mulheres TT são “objeto de intensa discriminação pelo fato de excederem as classificações normativas associadas ao gênero e sexualidade presentes em nossa sociedade” (p.614). Sendo consideradas figuras “monstruosas”, o que suscita e justifica sua eliminação, pois não são apropriadas pelos sistemas de saber e poder estabelecidos, remetendo a algo que é perceptível, os assassinatos frequentes de transexuais e travestis, fruto de um sentimento que denominamos transfobia (GARCIA, 2009).

Diante disso, Hartmann (2014) relata que as transexuais e as travestis sofrem cotidianamente a transfobia na pele, o preconceito se mostra de todas as formas possíveis. Violências físicas e verbais, negação constante para o trabalho, falta de dados sobre essa população, além do desrespeito para com o nome social⁹ e o desprezo são apenas alguns exemplos.

⁹A portaria N°233, DE 18 DE MAIO DE 2010 decreta o tratamento pelo nome social aos servidores (transexuais e travestis). E por Nome Social o decreto define: Parágrafo único. Entende-se por nome social aquele pelo qual essas pessoas se identificam e são identificadas pela sociedade.

Na medida em que a sociedade não abre espaço para pessoas de comportamento ambíguo, isso vai se refletir em todas as situações de vida e principalmente no trabalho [...] Para a sociedade, essas pessoas são "muito estranhas". As dificuldades tornam-se enormes, e é a sobrevivência que está em jogo. Restam, para as travestis, poucas e raras opções (COSTA, 1994 apud HARTMANN, 2014, p. 32).

Conforme a linha de pensamento acima pode-se afirmar que a violência, das mais variadas formas, contra as travestis e as mulheres transexuais é relato recorrente na literatura que aborda a temática e não há, nesta afirmação, qualquer novidade ou qualquer conteúdo que já não tenha sido insistentemente pautado pelos movimentos sociais e científicos ao longo das últimas décadas. No entanto, para entender o que acontece no Brasil não é preciso ter experiência em movimentos sociais e/ou grupos de militância, as mulheres TT morrem todos os dias em números epidêmicos, de modo geral, porque nossa cultura não suporta a ideia de que alguém fuja dos rígidos padrões de gênero.

As questões supracitadas se evidenciam nos dados levantados pela Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA), em que no período de janeiro a maio de 2017 foram assassinadas 53 travestis e transexuais no Brasil. A ANTRA acrescenta ainda que esses dados não inibe a existência de outros casos, visto que esses são apenas os que saem na mídia, e em todos os casos notificados há resquícios de crueldade, intenção na ação e motivação transfóbica.

Segundo o relatório de violência homofóbica do Brasil, do ano de 2016, divulgado pelo Grupo Gay da Bahia (GGB), o Brasil é o país com maior índice de homicídios de travestis e transexuais. O quadro de violência e discriminação que a população LGBT¹⁰ vive, vem cotidianamente crescendo e configura que ser LGBT é uma situação de risco, confirmando que as violações de direitos estão associadas a orientação sexual e identidade de gênero.

Dessa maneira, tais exposições levantadas revelam que muito se discute sobre a sexualidade e a identidade de gênero, mas a grande problemática surge quando há a permanência da incompreensão e o não reconhecimento destas pessoas enquanto cidadãos

¹⁰*LGBT*, acrônimo de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais, usado para se referir as diferentes formas de manifestações da sexualidade. É também um movimento que luta pelos direitos desses grupos sociais, contra a discriminação, o preconceito e a homofobia. Durante a I Conferência nacional GLBT em Brasília no ano de 2008, decidiu-se pelo uso da terminologia LGBT. A expressão é usada frequentemente para designar as lutas contra a discriminação, e pelos direitos legais (Manual de Comunicação LGBT, 2010).

pertencentes a sociedade, o que implica no modo como vivem, nas relações sociais e de sobrevivência. Todo esse processo de estigmatização pode ser considerado uma das principais fontes de sofrimentos e de exclusão social para as/os transexuais e travestis (ARAN; ZAIIDHAFT; MURTA, 2008), induzindo e “restando” apenas o acesso e a possibilidade de trabalho no mercado informal ou na indústria do sexo¹¹ (ABLGT, 2010).

1.3 A importância do trabalho e a inserção das mulheres TT

Na perspectiva de Marx (1844; 1993) o trabalho é o responsável pela transformação dialética da natureza e do homem. Nessa visão, o homem é considerado um ser voltado para o trabalho que encontra nele, além da fonte de sua sobrevivência, um dos mais importantes elementos de socialização e de sentido para a sua existência, favorecendo o pertencimento e a aceitação do indivíduo pela sociedade (MARX 1844; 1993 apud SOUZA, 2012). Os desafios de trabalho predominantes na contemporaneidade são comuns para todos os trabalhadores, porém, não podemos esquecer que, para as colaboradoras da pesquisa, somam-se à esses desafios as dificuldades geradas pelo não enquadramento às normas de gênero vigentes.

Partindo do pensamento de gênero enquanto um dos gerenciadores de argumentos para exclusão de travestis e das mulheres transexuais em vários níveis de participação social, mais especificamente dentro do mercado de trabalho, percebe-se o impacto que este fato traz dentro da vida desses sujeitos, principalmente quando entendemos o trabalho como um dos meios que reafirma os sentimentos de pertencimento a sociedade e é visto como algo de grande relevância na vida de qualquer pessoa.

Coutinho, Krawulski e Soares (2007) afirmam que:

O trabalho tem uma fundamental dimensão na vida do ser humano e a atividade profissional interfere diretamente na forma que o indivíduo se identifica e se posiciona socialmente. Pode-se dizer, assim, que o trabalho além de garantir a satisfação das necessidades básicas do ser humano, representa também uma fonte de identificação que contribui significativamente para determinar como será a colocação social do indivíduo (COUTINHO; KRAWULSKI; SOARES, 2007, p.33).

Os homens e mulheres transexuais e as travestis enfrentam problemas com situações

¹¹ Na indústria do sexo são consideradas vários elementos que conduzem a perceber uma diversidade de trabalhos sexuais. A lista é imensa, abarcando os desempenhados em bordéis, boates, bares, serviços de acompanhantes, motéis, cinemas e revistas pornôs, filmes e vídeos, serviços de dominação, entre outros. Mas aqui me refiro a prostituição na rua (PISCITELLI, 2005).

aparentemente comuns como estar em lugares públicos sem serem intimidadas ou conseguirem uma vaga de emprego sem que sua identidade de gênero restrinja os locais e as possibilidades de trabalho. Nesta perspectiva Irigaray (2010), afirma que:

A quase inexistência das travestis no mercado de trabalho é resultado da estigmatização e preconceito dos quais elas são alvos, os quais, muitas vezes, se reificam em atos de violência física, desde a infância. Raras são as travestis que conseguem terminar o ensino fundamental, pois são objetos de discriminação e violência nas escolas. Neste sentido, observa-se uma forte correlação entre a violência experimentada por estes indivíduos e sua baixa qualificação profissional (IRIGARAY, 2010, p. 7).

Diante disso, compreende-se que o trabalho e/ou a empregabilidade é um campo de significados e de inserção social. Partindo do pressuposto que vivemos em uma sociedade heteronormativa com padrões de gênero predefinidos e reducionistas, falar sobre a transexualidade e travestilidade é trazer à tona uma parcela da população que se encontra historicamente a margem dessa comunidade. E apesar das evoluções sociais, o preconceito para com o público LGBT, principalmente para as pessoas T (travestis, mulheres e homens transexuais), ainda acontece em diversos ambientes. Miriam Adelman (2003), argumenta:

Basta uma rápida olhada nos anúncios de emprego para deixar claro que o mercado de trabalho possui uma estrutura segmentada pelo gênero-definido pela dicotomia convencional homem/ mulher. Muitos valores subjetivos e avaliações estão embutidos nesta divisão- sobre aquilo que um homem ou uma mulher pode ou deve fazer. Pessoas com uma ambiguidade de gênero poderiam causar confusão e sentir rejeição, por não se encaixarem facilmente nos nichos que existem no mercado de trabalho. A mesma ambiguidade pode ser vista como algo capaz de perturbar o desempenho da função, principalmente num mundo onde muitas ocupações se exercem vinculadas à apresentação e conservação da imagem (ADELMAN, 2003, p. 83-84).

Seguindo o pensamento da autora acima, a exclusão na área do trabalho é uma realidade vivenciada por essa população e com isso sua inserção ocorre de forma a limitadora, impondo suas oportunidades e escolhas, ao mesmo tempo em que a situação de empregabilidade formal é entendida como ponte para a inclusão social.

Segundo dados da ANTRA (2013), 90% das travestis e transexuais estão se prostituindo no Brasil. “Ainda que elas queiram arranjar um emprego com rotina, horário de trabalho e carteira assinada, o preconceito fica evidente quando elas se candidatam a uma vaga” (LAPA, 2013, s.p).

A questão crítica se relaciona, principalmente, com a sexualização dessa população,

pois falar de transexuais e travestis considera-se uma carga extra que é o preconceito sofrido com a exteriorização de uma imagem que foge às normas estabelecidas de pessoas que não se adequam ao padrão socialmente binário aceito, pautado na heteronormatividade, sofrendo então, todas as consequências de uma sociedade violenta e moralista, também no mercado de trabalho.

Nesse escopo de dados e teorias em relação a possibilidade ou não da inserção das mulheres transexuais e travestis no mercado de trabalho, foi central o questionamento que diz respeito a como elas acessam e permanecem nesses espaços? Qual o tipo de trabalho “disponível” para elas? Como são as relações pessoais dentro do trabalho? De que forma elas compreendem esse processo?

2. PROCEDIMENTOS DA PESQUISA

2.1 Metodologia

Foi realizada uma pesquisa de campo com uma abordagem qualitativa buscando compreender e ter a possibilidade de adentrar no universo particular das envolvidas, respeitando as relações sociais e culturais, além das subjetividades das relações humanas que não podem ser quantificadas.

De acordo com Minayo (2010), o método qualitativo trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (MINAYO, 2010). Dessa forma, possibilitará apreender a dinâmica e o contexto em que as mulheres transexuais e travestis estão inseridas no mercado de trabalho, assim como, a sua significância.

2.2 O caminho percorrido até as colaboradoras e os aspectos éticos

Inicialmente, foi realizado o contato com o Centro de Cidadania LGBT, no município de João Pessoa, na Paraíba, por ser o local onde se desenvolve o Programa Transcidadania¹², solicitando a autorização para realização da pesquisa e explicando o objetivo e os processos necessários para a realização desta. Esse local foi escolhido, pois as travestis e mulheres transexuais o procuram como forma de apoio em várias situações que podem estar vivenciando no momento, desde atendimentos com psicólogos até a busca por empregos.

Após o contato e autorização da coordenadoria do Programa, foi disponibilizada uma lista com 56 pessoas cadastradas no Programa até agosto de 2016, que se identificavam como travesti ou mulher transexual. Porém, 36 estavam desempregadas, 5 trabalhavam no mercado

¹² O programa é destinado a promover os direitos humanos e a cidadania para o público LGBT e oferecer condições e trajetórias de recuperação de oportunidades de vida para travestis e transexuais em situação de vulnerabilidade social. O programa citado baseia-se no Transcidadania da cidade de São Paulo, porém, com adaptações que se aproximam da realidade da Paraíba e abrange as seguintes demandas: elevação da escolaridade básica; preparação e inserção para o mercado do trabalho; formação profissional; transferência de renda; inserção dessa população nos programas habitacionais e a articulação da gestão para inserir essa população nos programas sociais. Disponível em: <http://www.jpsemhomofobia.joaopessoa.pb.gov.br/programa-transcidadania>. Acesso em: fevereiro de 2017.

informal de trabalho, 2 no mercado formal, 12 não atenderam as ligações e 1 não se identificava mais como TT.

Em um segundo momento, foi solicitado uma lista atualizada de cadastros do ano de 2017 para que houvesse outro levantamento. Com isso, foram enviados os contatos de 57 travestis e mulheres transexuais cadastradas no Programa. Na segunda lista, 23 estavam desempregadas, 11 estavam exercendo atividade laboral informal, 16 não atenderam as ligações, 1 não se identificava mais como TT e 6 o número era inexistente. A partir disso, entramos em contato com as mulheres da primeira e da segunda lista que estavam trabalhando no mercado formal e informal. Ao total entramos em contato com 18 mulheres, porém apenas 3 concordaram em colaborar com a pesquisa.

Em conversa com as colaboradoras da pesquisa, foram acertadas as datas, os horários e os locais conforme a disponibilidade das mesmas. Os encontros aconteceram no Centro da Cidadania LGBT por ser um local já frequentado por elas e pela sua localização, mais centralizada em João Pessoa. Todas as colaboradoras foram informadas sobre o conteúdo da pesquisa, o objetivo e após este procedimento, a participação na pesquisa foi previamente concedida através do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE (Apêndice 1).

O TCLE também traz como objetivo, a garantia do sigilo de todas as informações, assim como o direito de retirar-se da pesquisa a qualquer momento, sem que isto lhes acarrete nenhum dano. Além dessas formas de respaldo, acrescenta-se que foram respeitados os valores culturais, sociais, morais, religiosos e éticos, bem como os hábitos e costumes, para garantir que os procedimentos estejam protegidos pela ética na pesquisa com seres humanos.

Foram considerados os riscos e benefícios para a população envolvida, prezando pelo cuidado com as informações colhidas durante os processos (BRASIL, 1996). Os riscos da pesquisa estariam limitados ao constrangimento em responder as questões e/ou ao desconforto emocional devido à abordagem de assuntos que possam ser dolorosos, contudo as entrevistas foram realizadas em um local resguardado e de forma individualizada para minimizar o risco de constrangimento por parte das colaboradoras.

A contribuição se dá de forma a suprir a carência de dados científicos regionais sobre o assunto, inserindo as discussões em variados espaços e estimulando a produção de novos estudos sobre a temática, além de fomentar ações que possibilitem uma melhor qualidade de trabalho para essas mulheres dentro de determinado espaço.

Neste sentido, Duarte (2004), contribui afirmando que nesse processo as colaboradoras

poderão estar se autoavaliando, se autoafirmando perante sua comunidade e perante a sociedade, legitimando-se como interlocutor e refletindo sobre questões em torno das quais talvez não se detivesse em outras circunstâncias (DUARTE, 2004).

2.3 Procedimento metodológico

O instrumento utilizado para a coleta de dados da pesquisa foi a entrevista semiestruturada. A entrevista semiestruturada é formulada a partir de questionamentos que norteiam a entrevista, deixando o entrevistado livre para discursar sobre os pontos abordados na entrevista (MINAYO et al., 2001). Assim, as colaboradoras tiveram um espaço para expressar seu ponto de vista acerca de suas vivências no mercado laboral em que se encontram.

Quanto à escolha da entrevista como recurso metodológico, acontece pela compreensão de que:

as entrevistas são fundamentais quando se precisa mapear práticas, crenças, valores e sistemas classificatórios de universos sociais específicos, mais ou menos bem delimitados, em que os conflitos e contradições não estejam claramente explicitados. [...] elas permitirão ao pesquisador fazer uma espécie de mergulho em profundidade, coletando indícios dos modos como cada um daqueles sujeitos percebe e significa sua realidade (DUARTE, 2004, p.215).

Além disso, se tem como pressuposto uma valorização da experiência dos colaboradores, com sua linguagem, seu contexto, e suas percepções diante da temática abordada e por se tratar de pesquisa comprometida com questões sociais, temos, em concordância com Caria (2003), a preocupação em fazer da pesquisa, um espaço para ampliar a capacidade reflexiva dos nossos sujeitos.

Para nortear e direcionar a pesquisadora durante a entrevista, foi construído um roteiro semiestruturado (Apêndice 2). As perguntas do roteiro sugeriram reflexões acerca dos caminhos percorridos pelas travestis e mulheres transexuais para entrada no mercado de trabalho, os acessos e desafios enfrentados, além de buscar compreender o pertencimento, sentido e significância deste processo em suas vidas.

2.4 Análise dos dados

As três entrevistas foram realizadas ao final do mês de março de 2017, sendo gravadas por um gravador de voz digital e em seguida transcritas em sua totalidade pela própria pesquisadora. A quantidade de horas de áudio, somadas as entrevistas das três colaboradoras, foi equivalente há duas horas e trinta e seis minutos (2h36min).

Em seguida, houve a necessidade da estruturação e construção de um referencial teórico e metodológico com suas bases literárias da sociologia, do trabalho e da discussão sobre gênero, buscando levantar categorias de análise para serem discutidas e levantando autores que discutem essas temáticas de forma a (des)construí-las. Com vistas a contextualizar e dinamizar as situações abordadas pelas colaboradoras, fez-se imprescindível o estudo teórico de forma crítica, assim como, uma análise minuciosa das argumentações trazidas pelas mulheres TT.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

3.1 Do que você preestabeleceu, sou o avesso.

*Eu sou o avesso do que o Sr. sonhou para o seu filho.
Eu sou a sua filha amada pelo avesso.
Na carne externa
quem me corta é o mesmo que admira
esse meu avesso pelo lado de fora
Eu sou a subversão
sublime de mim mesma
Sou o que derrama
o que transborda da mulher.
Só que essa mulher sou eu,
sou o que excede dela.*

(O avesso da Travesti - Rafael Menezes)

O avesso de si, o avesso do mundo e/ou avesso que preestabeleceram. Todo o processo de transição acontece em uma linha tênue entre luto e vida. As formas de compreensão desses contornos se atravessam em várias proporções para as pessoas TT, e a família é uma das bases de grande potencialidade para reinventar/remodelar, ou não, os caminhos e os renascimentos desses avessos.

O meu pai, ele é muito homofóbico, desde criança eu sempre fui espancada pelo meu pai. Minha irmã e minha mãe apanhava as vezes por mim, porque elas se intrometiam na frente, meu pai nunca aceitou o meu jeito, de eu ter nascido afeminada, nunca aceitou a situação. Ele sempre dizia: “se não arrumar uma namorada eu lhe expulso de casa” [...] então com trinta e quatro anos eu sai de casa, ou seja, faz quatro anos que eu to morando só, porque eu achava que não conseguia morar só, mas aí eu dei um aperto no meu trabalho para conseguir ganhar um pouco a mais para sair de casa e eu consegui, mas meu pai bateu em mim até a idade adulta, do nada ele batia em mim, dizia que sentia vergonha de mim por eu ser homossexual e que os amigos dele iam ficar falando sabe? Eu apanhei desde a adolescência, criança, adolescente e adulto, ele não aceita que eu sou diferente do que eu nasci (Azul¹³ - colaboradora).

¹³ Os nomes utilizados são fictícios para preservar a imagem das colaboradoras. Os mesmos foram escolhidos por fazer menção a bandeira do orgulho transgênero que foi criada em agosto de 1999, por Monica Helms possuindo cinco listras horizontais. São duas listras azuis, duas listras cor-de-rosa e uma faixa central branca. Quanto ao seu significado, Helms descreveu em uma entrevista: “As listras na parte superior e inferior são azul, a cor “tradicional” dos garotos. As listras ao lado são cor-de-rosa, a cor “tradicional” das garotas. A faixa central é branca, para aqueles que estão entre os dois sexos, em transição de um para o outro ou consideram ter um gênero neutro ou indefinido. O padrão é tal que não importa o caminho que você siga, ele é sempre correto, o

Não vou dizer a você que ninguém me ensinou a se descobrir trans não, eu me descobri trans sozinha, mas me apoiaram. Pensaram que eu era gay, que eu era afeminada, mas sempre eu fui tão afeminada que espantava muito com minha feminilidade, então com três anos o povo já desconfiava de mim. “ele vai ser gay” e não era ser gay, era ser trans [...] minha transição foi totalmente podada porque eu vivia em família conservadora, então eu tive que sair daqui para São Paulo e me alistar para poder me reconhecer como trans. E eu não segui porque não era eu, eu não conseguia, eu me escondia de dia, não gostava de sair, me escondia atrás de um boné, de tudo, eu era super infeliz comigo, vivia trancada. Ai depois que eu vi uma trans, eu comecei a ir para praia, coisa que eu não gostava, comecei a correr, comecei a malhar, comecei a fazer as coisas que para mim... eu odiava esporte, eu odiava colégio, não tirava notas boas [...] e hoje em dia faço faculdade e até agora não fiz nenhuma recuperação, até o quinto período. Então mostra como essa questão da aceitação de nós mesmos da gente se descobrir como muda a vida da gente, como muda o que a gente vai colher no futuro, como muda a família que a gente vai querer ter, porque muitas trans não tem perspectiva de família e eu tenho. Porque eu tenho perspectiva em família? Porque eu fui criada em família, [...] eu quero ter uma vida, não é nem normal, é ter uma vida. Eu quero construir uma vida. (Rosa - colaboradora).

Minha família nunca aceitou a minha posição, principalmente uma das minhas irmãs, havia muitas brigas e desentendimentos por eu ser diferente, por gostar de me vestir com roupas de mulher, então tive que trabalhar desde muito cedo, porque meus pais realmente não aceitavam e eu tinha que me virar. E assim fui procurando outras alternativas para me ajudar com essa questão (Branca – colaboradora).

A criança que não se identifica com seu sexo anatômico costuma viver uma constante rotina de vigilância e punição no círculo que está inserida, seja familiar ou social. Vivencia, assim, desde a infância o sentimento de ser pertencente ao sexo oposto, experimentando grande desconforto quando são podadas e por não poderem realizar as brincadeiras por elas desejadas (BENTO, 2006). Em concordância com isso, a colaboradora *Branca* relata:

[...] sempre fui muito retraída, muito privada por me vestir de mulher, brincar de boneca as mães das minhas amigas não deixavam eu brincar de boneca, então a minha transição foi totalmente podada.

Conforme identificado nas falas das colaboradoras, é inerente à família o papel de apoiadora e influenciadora nas mais diversas dimensões, e quando há uma quebra dessas

que significa que encontramos o caminho de nossas vidas (JESUS, 2012, p.5).

relações, as percepções dos caminhos a serem seguidos são fragilizadas, sendo esta base (familiar) um dos apontamentos que condicionam tais mulheres a procurar estratégias de sobrevivência, levando a vivenciar situações complexas, não apenas psicológicas ou financeiras, mas também no âmbito dos direitos mais básicos como: moradia, saúde, educação, além do reconhecimento de uma identidade que lhes tem sido negada fora e dentro do âmbito familiar.

Sobre este fato Rosa (colaboradora) considera que:

[...] a família as vezes é a primeira a fechar as portas quando descobre que tem uma pessoa trans dentro de casa e isso leva a outros pensamentos.

Os pais, em geral, se sentem frustrados, culpados e chegam a se revoltar diante das características da (do) filha (o) ou não conseguem entender a dimensão do que está acontecendo (SOUZA, 2012). Kulick, em seu trabalho escrito nos anos 1990, já apontava a ruptura com a família como um momento crucial no percurso que leva as travestis à prostituição. À medida que tais modificações (corporais) vão se tornando mais aparentes, as meninas, quase sempre, são expulsas de casa ou a abandonam por “livre iniciativa” (KULICK, 2008). Ainda hoje, a ruptura dos laços familiares é uma das condições de apontamentos para que uma grande parcela das mulheres TT sejam direcionadas ao mercado do sexo.

Evidentemente a prostituição não é o caminho seguido por todas as mulheres TT, se isto fosse afirmado estaria sendo negada a realidade individual de cada uma dessas mulheres e a forma como cada uma enfrenta seu cotidiano, pois as experiências são respondidas e internalizadas de forma única e específica por cada uma, sendo bastante temerária uma tentativa de generalizar motivos que as levam a esta situação, sem uma análise mais aprofundada, mesmo que este ainda seja o local onde elas são mais visualizadas (AMARAL, 2013).

Contudo, o apoio familiar é apenas um dos indicadores e influenciadores na vida das mulheres TT, não podendo deixar de observar e reconhecer as demais questões que atravessam a grande maioria de travestis e transexuais em suas histórias de vida como: a dificuldade de fazer-se respeitar em seu processo de questionamento factual ao binarismo de gênero; a expulsão de casa; a evasão escolar, devido à falta de preparo do Estado, por meio de seus professores, para lidar com a situação da transgeneridade [...] e por fim inclui-se também a dificuldade na obtenção de um emprego fora do mercado da prostituição, seja devido à falta

de conclusão dos estudos, seja devido à falta de *passaportes básicos* para sua inserção social (AMARAL, 2013).

Nessa direção, fica evidente que os desafios para a colocação social das travestis e transexuais começa muito cedo e, em geral, dentro de casa. Sem contar com o devido apoio familiar, muitas mulheres TT costumam enfrentar sozinhas as discriminações na escola e nos diversos contextos. O que nos permite supor que possa existir um círculo vicioso: o preconceito na infância prejudica sua formação e a não capacitação juntamente com a exclusão pelo preconceito, deixam-lhes poucas opções no mercado de trabalho. Sendo assim, na vida adulta, sofrem as consequências do duplo preconceito, primeiramente pela sua identidade gênero, que foge dos padrões e, em seguida, pelo lugar ocupado (ou não ocupado) no mercado de trabalho. Essa realidade exige delas grande habilidade para as constantes negociações com os contextos sociais visando à conquista de espaço, aceitação e respeito (SOUZA, 2012).

Para tanto, antes de aprofundar as discussões sobre os questionamentos levantados optou-se por uma breve apresentação dos locais que as colaboradoras ocupam no mercado de trabalho.

Azul, solteira, estudou até o segundo ano do ensino médio:

Assim, fazem vinte e três anos que comecei a trabalhar, comecei com quinze no teatro, hoje eu estou com trinta e oito. Vendo o meu trabalho junto com a imagem dessa farda, que é esse personagem, a vaca. E trabalho com o público, trabalho na área de divulgação, publicidade.

Branca, casada, estudou até o primeiro ano do ensino médio:

Queria trabalhar, queria ter minhas coisas e eu sempre quis trabalhar no salão e não consegui de jeito nenhum. Comecei a trabalhar eu tinha quinze anos, hoje estou com trinta e sete, primeiro trabalhei na rua e agora estou trabalhando em um salão de beleza.

Rosa, solteira, ensino superior incompleto:

Tenho 26 anos e iniciei fazendo uns cursos no SENAC, ai fiz um curso de maquiadora, depois eu fiz um curso de cabeleireira, mas demorei muito para começar a trabalhar, uns três anos. Além desses cursos eu fiz o curso de penteado e de empreendedorismo para saber lidar com o dinheiro. Hoje trabalho em um salão de beleza.

Diante dessa exposição, pode-se evidenciar as dificuldades que as travestis e mulheres transexuais vivenciam para entrar no mercado de trabalho que seja fora da linha de

prostituição. Os caminhos são percorridos das mais variadas formas, mostrando também a protagonização delas nas lutas pela busca e insistência em outras formas de sobrevivência.

3.2 Trans ou Travesti na luz do dia? Caminhos percorridos

*Não precisa me aceitar,
Apenas te peço pra me respeitar
Hoje em dia é tão natural,
Hoje em dia tem brilho em todo lugar.*

(Desabafo - MC Xuxu)

Para facilitar a análise sobre a inserção das travestis e das mulheres transexuais no mercado de trabalho, faz-se necessário, mesmo que rapidamente, reiterar a dimensão central e também contraditória que o trabalho exerce na vida do ser humano na atualidade. Em nossa sociedade, ele ocupa um lugar de destaque, oferecendo elementos que determinarão o grau de independência do sujeito. Não se trata apenas da atividade que garantirá a subsistência do indivíduo. Muito mais do que isso, o trabalho interfere diretamente na forma como a pessoa se reconhecerá e se posicionará perante a sociedade, além de influenciar diretamente na maneira como serão organizadas as demais esferas de sua existência.

Quando se discute sobre travestis e transexuais, é necessário considerar um grande e importante adicional, o preconceito sofrido com a exteriorização de uma imagem que difere dos padrões estabelecidos. Nessa perspectiva, Bento (2006), relata que “em razão da sua imagem e aparência, várias oportunidades de emprego lhe são negadas, como se pelo fato de viver de maneira diferente dos padrões sexuais impostos, lhe incapacitasse intelectual e profissionalmente” (BENTO, 2006, p.52). Em continuidade com esse pensamento uma das colaboradoras acrescenta:

O difícil para uma mulher trans é que elas, no início da transição e até depois de madura mesmo, se elas não fazem um acompanhamento hormonal e outras transições fica muito aparente a identidade de gênero, então é chocante as vezes pra uma mulher que vive em um mundo de mulheres cisgêneras¹⁴ estar em um salão, por exemplo, com uma trans ainda de barba, o peito de espuma, de peruca, entendeu? Gera-se um preconceito

¹⁴ O sujeito é considerado cisgênero porque se identifica com o gênero que lhe foi imposto compulsoriamente ao nascer [...] assumindo as características que a norma coloca como do gênero com o qual se identifica” (SANTOS, 2016, p.03).

muito grande para as mulheres trans, porque para nós é mais diferente, é uma imagem que não está dentro do padrão sexual, nem do social de beleza, porque imagina uma mulher de barba, imagina uma mulher sem peito, entendeu? Então essa questão do mercado de trabalho vai também muito pela estética, além do preconceito pela identidade que assumimos (Rosa – colaboradora).

É esse preconceito que torna a prostituição uma possibilidade imediata e acessível¹⁵ para elas.

Já vi casos de trans começarem, não quererem, mas ser obrigada a se prostituir com trinta e cinco - quarenta anos porque não tinha renda, porque não tinha trabalho. Então é realmente muito difícil essa questão de preconceito no mercado de trabalho” (Rosa – colaboradora).

Infelizmente, ainda, é no “escuro da noite” que a grande maioria dessas mulheres “ganha o seu dia”, é nesse turno que a população deseja que elas permaneçam e é nessa escuridão que uma grande porcentagem destas mulheres “enxergam” (ou será que é imposto?) a prostituição como o único meio de sobrevivência.

As falas das colaboradoras marcam essas afirmações de forma a evidenciar as negações nas buscas por empregos:

Eu comecei a trabalhar na rua, aí depois, que para mim é um trabalho normal como qualquer um outro. Não tinha oportunidade, não via, ninguém abria portas para mim e eu fui para rua. Porque eu já me identificava como uma mulher trans e tem muita gente que não gosta. Agora está bem melhor, mas antes olhava para gente de forma muito marginalizada, assim como se você fosse uma travesti ou uma mulher trans você só fazia o que não prestava, aí não tinha trabalho (Branca – colaboradora).

[...]Aí eu fiz esses cursos, comecei a divulgar muitas coisas, fotos de maquiagem, maquiar muitas pessoas de graça só para divulgar mesmo. E eu fui tentar entrevista de emprego em salão, tentei em 3 salões, eu fui atrás, fiz entrevista, coloquei meu certificado, minhas notas, mostrei meu instagram com as fotos, e não abriram as portas por ver que eu tenho diferencial, e que enfim, é meio complicado (Rosa - colaboradora).

Além da dificuldade para conseguir emprego, a maioria dos trabalhos designados para as mulheres trans são aqueles historicamente menos valorizados e remunerados, dificilmente as mulheres TT ocupam grandes cargos. Nesse sentido, Carvalho (2006), argumenta que “o mercado de trabalho se fecha para as transgêneros, surgindo apenas subempregos, casos de carteira assinada são isolados e muito específicos” (CARVALHO, 2006, p2).

¹⁵ O termo utilizado faz menção a acessibilidade enquanto questão do que lhes é ofertado e oportunizado.

Uma empresa não contrata porque ninguém quer da trabalho para uma travesti ou uma transexual, mas é por causa disso porque a sociedade pensa logo: “não essa ai é depravada, isso ai faz programa” embora que ela não faça, mas tem as que fazem porque não tem oportunidade de trabalho. Olha eu vou lhe dizer uma verdade, digamos que 70% não tem oportunidade de trabalho e 30% é porque gosta (Azul – colaboradora).

Já tem uma imagem de uma coesão social em cima da pessoa. “Rosa vai viver de programa, vai viver fazendo programa, vai viver drogada se prostituindo” E não é assim, sabe? Não é assim. A vida vai levando a isso porque tem preconceito e o salão abre as portas pra gente, tanto trans que está no inicio da transição quanto para as que estão bem resolvidas, tanto o gay que é muito afeminado quanto o gay que é mais discreto, então o salão tem isso, por isso que muitas trabalham nessa área, porque não somos excluídas pelo salão (Rosa – colaboradora).

Mesmo nesses espaços que acolhe e emprega a população TT, são reservados empregos “menores”. Nunca ou quase nunca é possível ver, por exemplo, uma/um transexual dona de um salão de beleza renomado (BARBOSA, 2016).

Há pouquíssimas que são chamadas para trabalhar né, tem que aceitar qualquer coisa, limpar o chão, fazer uma faxina, trabalhar de Office boy, trabalhar em um salão, difícil ser um cargo alto (Azul – colaboradora).

É difícil essa questão da entrada no mercado de trabalho, principalmente em grandes instituições. Acho que é por isso que salão abre tanto as portas pra gente, empresa de formaturas, de eventos, já conheci trans que trabalham em floricultura, mas que sempre é informal, sempre é informal, são poucas que estão realmente com a carteira assinada devido a esse preconceito, pelo estereótipo de cada uma (Rosa – colaboradora).

Para Carvalho (2006) “a marginalização enfrentada resulta numa consequente criatividade das transexuais na luta pela sobrevivência, havendo a valorização das vias informais de relação, proximidade, indicações e referências pessoais como uma forma para a aquisição de uma vaga profissional” (p.2). Portanto, para conseguir alcançar a grande roda gigante que é o mercado de trabalho vários caminhos e estratégias são buscados e seguidos, sendo que a indicação feita por amigos ou conhecidos se torna a forma mais potente e o meio mais viável para isto.

Eu tinha um amigo gay e esse meu amigo, nós éramos bem próximos, aí surgiu uma vaga lá onde ele trabalhava, para escovista, e eu tinha feito um curso recentemente de escovista, aí ele disse “Branca, você não quer tentar não? Vai que você consiga, você passe e fica lá comigo” aí eu disse: está bom. Mas eu tive uma ajudazinha dele lá dentro não é!? Se não fosse ele que

tivesse me dado um empurrãozinho lá dentro eu não tinha entrado. Aí através dele, através desse trabalho, que eu fui conseguindo porque já tinha referência, está entendendo? Esse salão fechou aí eu fui para outro, depois fui para outro, e agora estou nesse (Branca - colaboradora).

Acho que para uma trans é muito importante ter um bom ciclo social, que as pessoas conheçam um pouco de você, não é nem da sua vida, é da sua personalidade, do seu jeito, para poder ter uma confiança em colocar você dentro de um trabalho [...] foram pessoas que já estudaram comigo e já me conhecem de muito tempo, então foram essas amizades que abriram portas para o trabalho, não foi uma empresa que não me conhecia e me chamou (Rosa - colaboradora).

Antes eu fazia publicidade só de aniversário, festas e eventos e via que era uma coisa muito corriqueira, não dava muito dinheiro. Aí através de uma amiga minha que trabalhava em uma loja de colchão, ela me convidou para fazer um trabalho de propaganda, eu aceitei e fui e aí foi espalhando para as outras loja e eu comecei a formar pacote de serviço de publicidade e fui oferecendo nas lojas e aí deu certo até hoje (Azul - colaboradora).

As falas das colaboradoras reafirmam as dificuldades de acesso ao mercado laboral e a dimensão da dificuldade que é se apropriar e adentrar em um mercado de trabalho, o qual privilegia um padrão em detrimento da própria competência, competência essa que em sua conquista, se dá de maneira extremamente dificultosa para as pessoas LGBT. O desafio está em suportar a educação excludente, e mesmo nos poucos casos superados, há o desafio de encontrar um trabalho que escolha o indivíduo por outros critérios, que não a identidade de gênero e orientação sexual (BARBOSA, 2016).

Então falta isso, falta o estudo não só para gente, mas para a sociedade, pra que as pessoas vejam que somos mais que um órgão genital e que a gente não é só pobre coitado ou uma pobre coitada que tá em busca de emprego, não, nós somos pessoas normais que temos qualidades e defeitos que nem qualquer outra e que quer apenas oportunidade. Então é uma questão de se ver mais trans de dia de se ver mais trans dentro do mercado de trabalho para poder ir multiplicando, para poder ir proliferando não é? (Rosa – colaboradora).

Os movimentos para quebrar a ideia que as mulheres TT só pertencem a essa sociedade no turno noturno acontece a passos lentos, muito precisa ser percorrido e o posicionamento de Rosa sobre elas serem vistas mais na luz do dia e no mercado laboral é a força maior desse movimento. Sobre essa entrada e permanência no mercado de trabalho as colaboradoras demonstram suas vontades através de palavras e deixam nos olhares os desejos

que não podem aqui ser quantificados, mas que fogem totalmente da marginalização.

Nós queremos mais respeito, nós não somos pessoas do mal, nós não somos pessoas desrespeitosas, nós queremos mais porta de trabalho para o público LGBT, eu acho que tem que ser assim, sabe?(Azul – colaboradora).

Deveria ter uma certa lei que empregasse, colocasse normalmente trans por mais que não durasse e que não ficasse muito tempo, mas que abrisse portas pra que realmente, as pessoas que querem fazerem a diferença mostrar que são bons profissionais, que podem crescer numa empresa que são responsáveis, que são honestas, que querem trabalhar. Então a sociedade ver como fosse só a questão da prostituição, da marginalidade, da droga, não é? Mas não é só isso, queremos mostrar o diferente também (Branca-colaboradora).

As colaboradoras mencionam e alertam em suas falas, mesmo que indiretamente, o quanto elas ainda são invisibilizadas e o quanto é necessário que se abram oportunidades, em todos os contextos, para que as vejam com outros olhos. Só poderão afirmar que é à noite o horário-mundo que elas pertencem quando isso lhes for uma escolha.

3.3 A violência nua nas curvas do Trans-parecer e do Tra-vestir-se

*Estou procurando
Estou procurando
Estou tentando entender
O que é que tem em mim, que tanto incomoda você?
Se a sobrancelha
O peito
A barba
O quadro e o sujeito*

(Submissa de 7º dia – Linn da Quebrada)

No que se refere ao seu cotidiano, as pessoas TT são alvos de preconceito nas mais variadas proporções, desde o “elogio” “você está muito parecida com uma mulher” e troca proposital, ou não, dos artigos “a” por “o”, até as agressões físicas e homicídios. Toda essa linha e os contornos configuram a extensa série de percepções estereotipadas negativas e de atos discriminatórios contra homens e mulheres transexuais e travestis. Estas são denominadas de transfobia. Essa transfobia é revestida de dissabores e torturas, mesmo que disfarçada de elogio a suavidade passa longe para quem sente.

As vezes são coisas até “simples”, os olhares, palavras ofensivas, mas a coisa que eu mais tenho raiva e que mais acontece comigo é chegar alguém para você e fazer assim “você parece com uma mulher”. Ai isso pra mim é o fim e eu escuto isso praticamente todos os dias. Hoje mesmo, uma mulher que eu não sei quem é, mas vejo ela no ônibus várias vezes, olhou pra mim e disse “hoje você tá parecendo muito com uma mulher”. Eu não falo nada, respiro e engulo, eu não posso fazer nada, a gente nunca sabe o que pode acontecer, mas é uma coisa que me dói muito e eu tenho que escutar quase todos os dias (Branca – colaboradora).

No ambiente do trabalho essa prática ainda é recorrente e se apresenta de forma interpessoal. Dessa forma a violência, o sarcasmo, o nojo, o medo e a desqualificação são atitudes cultural e historicamente legitimadas para se relacionar com quem não é compreendido como humano (no pior dos casos) ou é compreendido como sub-humano ou quase humano (no melhor dos casos) (JUNIOR, 2012).

O problema é que as vezes algumas clientes ao invés de chamar, ela chama ele e a gente tem que estar corrigindo, tem que estar falando, tem que estar dizendo direto, era bom que a gente andasse agora com uma plaquinha com o nome “eu sou uma mulher trans” para o povo não ficar confundindo. Isso fere o ego da gente você chamando ele, você tá me vendo numa figura feminina, eu não acho que eu sou tão masculina assim e você olhar para mim e me chamar de ele. Você fica até sem palavras, agora isso você escuta direto. Tem pessoas que você olha pra ela e nem precisa corrigir porque você sabe que foi por maldade, eu não vou falar porque eu já cansei de falar, então as vezes eu olho assim e deixo passar (Branca – colaboradora)

No trabalho eles me veem como personagem eles não estão vendo a pessoa, porque se eu tirar essa roupa aqui, soltar meu cabelo, mostrar quem eu sou, ai existe aquele preconceito, ou seja, eu me escondo atrás desse personagem. Antes, quando eu não tinha esse personagem eu sofria muito preconceito, por exemplo, de passar na rua e as pessoas te olhar com aquele olhar como se fosse uma coisa do outro mundo, discriminar, lá vai o veado, lá vai o fresco, lá vai o travesti, infelizmente a sociedade ela é cruel (Azul – colaboradora).

Percebe-se através das falas que os espaços de trabalho ainda estão muito fragilizados, reproduzem as formas de violência, principalmente as mais simbólicas, deixando margem para uma descaracterização de suas identidades e sendo percebidos apenas como uma questão de sobrevivência e não de relações sociais firmes. Nesse mesmo contexto ainda são observadas posturas de hierarquização distanciando-as e silenciando-as ainda mais.

Quando há preconceito no trabalho eu respiro fundo e engulo, porque se a gente for falar em ambiente de trabalho a gente vai esta sempre errada, nunca vai esta certa. Então ela (patroa) vai gritar na minha cara, vai poder falar tudo que quiser na minha cara e eu não vou poder fazer nada. Então,

assim, em algum momento que ela me destratar eu só posso olhar pra ela e respirar é só o que eu vou fazer em um trabalho Hoje na cabeça dela (patroa) ela não me aceita como uma mulher trans, ela olha pra mim e não me ver uma mulher e eu vou levando na mesma porque não tem outra opção, não tem outro trabalho e eu não quero voltar pra rua mais porque eu também não tenho mais idade para está em rua. (Branca – colaboradora).

A necessidade de estar dentro do mercado laboral tem um preço extremamente absurdo, e não se trata apenas do valor econômico, mas sim do social e psicológico, são tantos padrões idealizados e fortes que para pertencer a esse mundo é imposto e percebido como uma saída deixar de existir, negar quem se é e sua essência. Aliás, o medo de perder o trabalho ou sofrer retaliações faz com que elas assumam um comportamento socialmente esperado ou adequado.

Se eu não tivesse isso aqui, não tivesse esse trabalho eu tentaria dar o melhor de mim para conseguir outro. Eu ia deixar de ser eu, a gente ia deixar de ser a gente para conseguir alguma coisa na vida, infelizmente é assim, tem muitos travestis que tem que cortar o cabelo para arrumar um trabalho, deixando de ser ela mesma, é duro, não é fácil (Azul – colaboradora).

São falas que refletem as violências constantes e o que causa essa agressiva reação de como que essas mulheres são tratadas não é o fato de elas se apresentarem como mulher ou de as nomearem de ‘homem vestido de mulher’ ou qualquer coisa do tipo, mas o fato de serem compreendidas dentro de uma categoria (científica, religiosa ou jurídica) de desvio, de abjetos, aberrações ou monstruosidades o que “legitima e autoriza” a violência contra elas.

Quando há o rompimento com a linearidade entre o sexo, gênero, desejo e práticas sexuais esperadas pela sociedade, a violência pode ser uma resposta ao incômodo moral provocado pela quebra dos padrões estabelecidos. A transgressão ao desejo e às apresentações de gênero que não são tidas como adequadas e naturais é uma das fontes mais contundentes da violência perpetrada contra o transgressor.

Turci (2015) em seu trabalho relata que de acordo com a pesquisa realizada pelo projeto TRANSpondo Barreiras¹⁶, que entrevistou 663 travestis e mulheres transexuais de 35

¹⁶ Trata-se de um projeto em rede com o objetivo de ampliar a cobertura e qualificar as ações de promoção da saúde e direitos humanos e de prevenção das DST/HIV voltadas para travestis e transexuais. Quanto a seus objetivos estratégicos: Fortalecer e aprimorar a atuação em rede de ONGs parceiras; Promover a atuação e visibilidade positiva de travestis e transexuais junto às esferas governamentais de Saúde; e, fortalecer e qualificar atividades de educação em promoção da saúde e prevenção das DST/HIV e Hepatites. Disponível em: <http://docplayer.com.br/15827024-Projeto-transpondo-barreiras-rede-de-saude-cidadania-e-prevencao-das-dst-hiv.html>.

municípios brasileiros, mais de 70% das transexuais e travestis afirmaram ter sofrido violência verbal, mais de 50% dizem ter sofrido violência física. Além disso, mais de 35% sentiram-se discriminadas no trabalho, quase 34% foram excluídas das atividades familiares, 26% foram expulsas de local público, mais de 20% forçadas a deixar o local onde moravam e mais de 19% foram demitidas do emprego (TURCI, 2015). Demonstrando assim as formas de violência o quanto são presentes em suas vidas.

A expectativa de vida, segundo estimativas da ANTRA, para travestis no Brasil é em torno de 30 anos. Essa baixa expectativa de vida decorre de diferentes fatores como o preconceito e violência contra elas, levando essa parcela da população a uma expectativa de vida a metade da população cisgênera. Os relatos a seguir demonstram que ainda são pensadas estratégias na tentativa de diminuir tais questões. A violência não é uma realidade distante e se mostra despidamente em vários locais.

Eu sofri o preconceito, eu já apanhei até no meio da rua por ser transexual, Apanhei na cara por ser homossexual. Já sofri muito preconceito, já sim eu sei o que é isso e foi preciso eu montar um escudo, criar uma outra pessoa que é esse personagem que está aqui, então foi preciso eu criar esse escudo porque assim com essa roupa não sofre preconceito nenhum, pelo contrário eu sou muito adorada pelas pessoas, pelas crianças, elas tiram foto comigo, param para conversa e quer que eu trabalhe para elas “ah eu quero que você trabalhe para mim”, as pessoas são loucas por mim, por mim não pelo personagem não é? (Azul – colaboradora).

Sofro diariamente, todas nós sofremos. Cada uma sofre do seu jeito, só você sabe o jeito que você sofre e o jeito que vai lhe ferir. Mas que todas nós sofremos todos os dias, sim. Uma vez aconteceu uma coisa que eu nem esperava e eu jamais achei que aconteceria comigo. Tava eu e uma amiga minha em um rio e veio um rapaz de lá com um facão e deu com as costas do facão nas minhas costas, isso eu nunca esqueci. Jamais eu esperaria uma coisa dessas e a gente ficou super nervosa e corremos, nos duas saímos correndo como loucas e ele ficou lá “se voltar eu mato, se voltar eu mato”. Isso foi bem marcante pra mim (Branca – colaboradora).

As vezes a gente tem que engolir no seco, a gente guarda muito. Então tem vezes que eu prefiro ir e falar mesmo sabe, quando é demais, quando é várias vezes numa situação que realmente me deixou constrangida. Então eu vou e boto a boca no trombone mesmo, eu vou em quem é responsável ou senão eu vou na pessoa e digo, mas as vezes você indo na pessoa que fez isso não adianta, porque é uma pessoa que pode ser grosseira, que pode piorar a situação então a gente tem que ir numa pessoa que saiba lidar com isso. Uma vez na faculdade o pessoal que tava trabalhando na própria faculdade ficavam gritando quando eu passava, assoviava. Isso foi inúmeras vezes. Até que peguei meu telefone e comecei a gravar, e falei “você querem que eu vá na coordenação ou na supervisão falar de vocês, querem que eu boto o emprego de vocês em risco?” Porque isso dá processo sabe?

Eu estou acordando cedo, eu estou vindo aqui pra estudar não é pra ser chacota, mesmo que seja um elogio, é um elogio ofensivo sabe (Rosa – colaboradora).

A exclusão e discriminação são características das formas mais doloridas de viver dentro de uma sociedade e apesar de ter acontecido e acontecer mudanças no âmbito de gênero, como a lei sobre o nome social, as pessoas TT estão longe de serem aceitas como parte dela. Talvez não se conheça uma maneira de enfrentar a “ameaça” que elas representam, mas nossa cultura criou uma forma específica de tratá-las ao encará-las, como o equivalente ao mal e ao caos, a única ação ou reação socialmente inteligível é a destruição ou o anulamento dessas pessoas.

Todas esses “gritos” aqui expostos nos diz muito e é necessário levar e considerar a dimensão excludente vivenciada pelas pessoas TT, bem como pautar possibilidades de políticas públicas que facilitem as suas inserções em campo profissional e contexto educacional mesmo diante dos processos sociais discriminatórios. Essas mulheres foram relegadas à abjeção, mostrando o quão marcadas ficaram pelo estigma da transgressão, sendo consideradas desumanas e, por isso, passíveis de violência, que almejam o apagamento das diferenças que se visibilizam de maneira incômoda em seus corpos, gestos práticas afetivas.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir deste estudo, buscou-se compreender como acontece a inserção das mulheres TT no mercado de trabalho, as suas vivências e possíveis desafios enfrentados nesse campo. Esse processo envolveu os caminhos que elas percorreram e a percepção delas com vistas à concepção de suas imagens que por vezes são reduzidas e incompreendidas por fugirem dos padrões de gênero estabelecidos.

Pode-se perceber que as trajetórias de suas vidas foram e são marcadas por diversas violências, essas marcas são impressas quando se evidencia os direitos que lhes foram negados pelo fato de não corresponderem as expectativas que lhe foram atribuídas socialmente ou quando as mulheres TT se colocam em ambientes públicos e desejam ocupar esses espaços, e acontece uma onda de desaprovação pautadas nos preconceitos heteronormativos e binários. Esses fatores deixam explícito que na luz do dia as pessoas TT não são “bem vistas”, o que favorece e/ou facilita o desvio desse caminho para algo mais acessível, demarcando seu local de pertencimento e empurrando-as para uma situação de vulnerabilidade social, contornadas pela fragilidade dos vínculos de trabalho ou das relações sociais.

Este processo afeta a autonomia e o acesso aos direitos sociais das mesmas. Ficou evidente que elas passam por várias situações, que foram citadas no decorrer do estudo e, que levam a diversos sofrimentos. Espaços que deveriam se configurar como importantes redes de suportes na vida, como a família e a escola, tornam-se espaços de exclusão a partir das primeiras manifestações da diferença, não permitindo, ou dificultando, que estas cresçam, se percebam enquanto potencialidade e sejam protagonistas em seus caminhos, principalmente no ambiente laboral.

As formas como as mulheres relataram suas vivências permitiu enxergar todas as suas lutas e resistências em um contexto que vem se modificando a passos lentíssimos e que apesar das conquistas alcançadas, está longe de incluí-las, aceitá-las e respeitá-las “apenas e só” como seres humanos. Espera-se que este estudo possa de alguma forma, transbordar em forças para que estas mulheres prossigam sua caminhada e as desigualdades e violências não façam mais parte de suas realidades.

Além disso, deseja-se que este possa perpassar os muros da academia e corroborar com discussões, reflexões e mudanças efetivas nos espaços que também são delas. Que a sociedade possa perceber, de forma sensível, suas singularidades, que a palavra “reducionista” se refira a um passado que não será repetido, e por fim, nesses desejos grandes e talvez utópicos que aqui se fazem, anseia-se que o estudo colabore para que sejam construídas políticas públicas para inserção dessa população na sociedade em todas as esferas sociais que lhe são de direito, que estas ganhem visibilidade pelo potencial profissional e pessoal que elas possuem e não por uma imagem preestabelecida que as tem como abjetos.

5. REFERÊNCIAS

- ADELMAN, Miriam. Travestis e Transexuais e os Outros: Identidade e Experiências de Vida. **Gênero**, Niterói, v. 4, n. 1, p. 65-100, 2003.
- AMARAL, Clemente. Travestis, Transexuais e Mercado de Trabalho: muito além da prostituição. **Seminário Internacional Enlaçando Sexualidades**. Grupo Enlace, 2013.
- ARÁN, Marcia; Zaidhaft, Sérgio; Murta, Daniela. Transexualidade: corpo, subjetividade e saúde coletiva. **Psicologia & Sociedade**, Porto Alegre, v. 20, n. 1, p. 70-79, Abril, 2008.
- Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (ABGLBT). **Manual de Comunicação LGBT: Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais**. Ano 2010.
- BENTO, Berenice. **A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual**. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.
- BENTO, Berenice. Na escola se aprende que a diferença faz a diferença. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, v.19, n.2, p.11, 2011.
- BENTO, Berenice. **O que é transexualidade**. São Paulo: Brasiliense, 2008.
- BARBOSA, Bruno Cesar. “Doidas e putas”: usos das categorias travesti e transexual. **Rev. Scielo Brasil, Sex., Salud Soc.**, Rio de Janeiro, n. 14, p.352-379, 2013.
- BARBOSA, Bruno; SILVA, Laionel. Ações afirmativas para ingresso ao ensino superior como meio de efetivação do direito à educação para os/as transexuais e travestis. **Rev. Artes e Humanidades**, João Pessoa, v.14, n.14, p.1-17, 2016.
- BUTLER, Judith. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do sexo. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O Corpo Educado – Pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. p.153-172.
- BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução 196/96**. 1996.
- BRASIL. Relatório de Violência Homofóbica no Brasil: ano 2013. Brasília: Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República. Brasília, p.1-79, 2016.
- BRASIL. Resolução n.466, de 12 de dezembro de 2012. Aprova normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. **Diário Oficial da União**, Seção 1, p. 59, Brasília, 2013.
- BRITO, Camila; ROSÁRIO, Emille; ALMEIDA, Maristela. Biodireito e Transgeneridade: a vivência educacional das mulheres trans sob a ótica dos direitos humanos. Anais do V

Encontro Nacional de Pesquisa e Extensão em Direitos Humanos e Fundamentais. Santa Cruz, ISSN 2317-7861, 2014.

CARVALHO, Evelyn. “Eu quero viver de dia” Uma análise da inserção das transgêneros no mercado de trabalho. Anais do VII Seminário Fazendo Gênero, 2006.

CARIA, Telmo. A construção etnográfica do conhecimento em ciências sociais: reflexividade e fronteira. In: CARIA, T. (Org.). **Experiência etnográfica em ciências sociais**. Porto, Afrontamento. 2003. p.9-20.

COUTINHO, Maria Chalfin; KRAWULSKI, Edite; SOARES, Dulce Helena Penna. Identidade e Trabalho na contemporaneidade: repensando articulações possíveis. **Psicologia e Sociedade**, Porto Alegre, v. 19, n. SPE, p. 29-37, 2007.

DUARTE, Rosália. Entrevistas em pesquisas qualitativas. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 24, p. 213-225, 2004.

GARCIA, Marcos. Alguns aspectos da construção do gênero entre travestis de baixa renda. **Rev. Psicologia USP**, São Paulo, v. 20, n. 4, p. 597-618, 2009.

HARTMANN, Jennifer. Identidades trans* em pauta: representações sociais de transexuais e travestis no telejornalismo policial brasileiro contemporâneo. **Monografia**. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis p.1-70, 2014.

IRIGARAY, Helio. Identidades Sexuais Não-Hegemônicas: a inserção dos travestis e transexuais no mundo do trabalho sob a ótica queer. VI Encontro de Estudos Organizacionais da ANPAD. Florianópolis, 2010.

JUNIOR, Jorge. Transitar para onde? monstruosidade, (des)patologização, (in)segurança social e identidades transgêneras. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, v.20, n.2, p.1-10, 2012.

JESUS, Jaqueline Gomes. **Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos**. 2.ed Brasília, Escritório de Direitos Autorais da Fundação Biblioteca Nacional – EDA/FBN, 2012.

KULICK, Don. Travesti: prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil. Rio de Janeiro, Editora FioCruz, p. 1- 280, 2008.

LAPA, Nádia. **O preconceito contra transexuais no mercado de trabalho**. In: Carta Capital. 2013.

LEMÕES, Louise. **Diversidade Sexual nas Organizações: a (in) visibilidade de pessoas transexuais via mídia de negócios**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas p.1- 186, 2016.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2010.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MISKOLCI, Richard. A teoria Queer e a questão das diferenças: por uma analítica de normatização. **Rev. Sociologias**, Porto Alegre, n. 21, p.150-182, 2009.

PISCITELLI, Adriana. Apresentação: gênero no mercado do sexo. **Cad. Pagu**, Campinas, n.25, p.1-17, 2005.

SANTOS, Joanne Nahla Sousa dos. O Sujeito Mulher Transgênero e Fuga da Monstruosidade: Corpo e Voz. Artigo apresentado em Anais do CENA - Colóquio de Estudos em Narrativa. **EDUFU**, Uberlândia, v.. 2, n. 1, p. 1-8, 2016.

SOUSA, Priscila de Freitas. Travessias de gênero e inserção no mundo do trabalho: um estudo sobre as trajetórias profissionais de travestis e transexuais. **Monografia**. Faculdade Cearense – FAC. 2014.

SOUZA, Eloisio Moulin; CARRIERI, Alexandre Pádua. A analítica queer e seu rompimento com a concepção binária de gênero. **Revista de Administração Mackenzie**, São Paulo, v. 11, n. 3, p. 46-70, 2010. ISSN 1678-6971

SOUZA, Heloisa Aparecida de. Os desafios do trabalho na vida cotidiana de mulheres transexuais. **Dissertação**. 2012. 127 f. Programa de Pós Graduação em Psicologia do Centro de Vida, PUC- Campinas, 2012.

TURCI, Raíssa. Ser Trans: a vida de travestis e transexuais em Florianópolis. Relatório Técnico de conclusão de curso. Florianópolis, p. 1- 45, 2015.

6. APÊNDICE

Apêndice 1 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezada Senhora.....

Esta pesquisa é sobre “Os Processos de Entrada e Permanência das Travestis e das Mulheres Transexuais no Mercado de Trabalho” e está sendo desenvolvida pela pesquisadora Tatiana de Sousa Ferreira, aluna do curso de Terapia Ocupacional da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), sob a orientação da Prof.^a Ms. Beatriz Prado Pereira.

Os objetivos do estudo são compreender e analisar a inserção e permanência das travestis e das mulheres transexuais no mercado de trabalho no município de João Pessoa-PB. Visando, compreender como se dá o acesso ao mercado de trabalho dessas mulheres; Aprender como se dão as relações interpessoais no trabalho; Analisar os pontos positivos e negativos dentro do mercado laboral, entendendo as formas de pertencimento das mulheres transexuais e travestis naquele espaço.

Ao realizar este trabalho, temos como finalidade contribuir com informações que possam nortear a construção de ações e intervenções no campo do trabalho, assim como suprir a carência de dados científicos regionais sobre o assunto, inserindo as discussões em variados espaços e estimulando a produção de novos estudos sobre a temática.

Solicitamos a sua colaboração para participar desta pesquisa, através de entrevista semiestruturada acerca de sua vivência no mercado de trabalho, assim como sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos das áreas de saúde e social e publicar em revista científica. Por ocasião da publicação dos resultados, seu nome será mantido em sigilo.

Devido à publicação dos resultados, informamos que, de acordo com a Resolução número 466 de 12 de novembro de 2012, essa pesquisa oferece riscos mínimos, como qualquer pesquisa que apresenta questionários e/ou entrevistas, mas que não são nocivos para a sua saúde. Caso haja algum desconforto durante a entrevista, informamos que você poderá

interromper sua participação a qualquer momento, e só voltar a fazê-lo se assim o desejar e da maneira como julgar conveniente.

Salientamos que a entrevista seja gravada, e os dados ficarão guardados no Departamento de Terapia Ocupacional do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Paraíba por 5 anos e, após esse período, serão descartados, de acordo com a Resolução número 466 de 12 de novembro de 2012.

Esclarecemos que sua participação no estudo é voluntária e, portanto, o (a) senhor (a) não é obrigado (a) a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pelas Pesquisadoras. Caso decida não participar do estudo, ou resolver a qualquer momento desistir do mesmo, não sofrerá nenhum dano. As pesquisadoras estarão a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa.

Diante do exposto, eu
 declaro que fui devidamente esclarecido (a) e dou o meu consentimento para participar da pesquisa e para publicação dos resultados. Estou ciente que receberei uma cópia desse documento.

Assinatura da Participante da Pesquisa

Atenciosamente,

Pesquisadora Prof.^a Beatriz Prado Pereira Pesquisadora Tatiana de Sousa Ferreira

Contato do Pesquisador (a) Responsável:

Caso necessite de maiores informações sobre o presente estudo, favor ligar para a pesquisadora orientadora Prof.^a Beatriz Prado Pereira: (83) 32167996/ 996161653; beatriz.pradop@gmail.com. Departamento de Terapia Ocupacional CCS/UFPB – Cidade Universitária / Campus I. Ou para a Pesquisadora Tatiana de Sousa Ferreira: (83) 999284844; tatysousa26@hotmail.com. Departamento de Terapia Ocupacional CCS/UFPB – Cidade Universitária / Campus I. Ou: Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Paraíba Campus I - Cidade Universitária - 1º Andar – CEP 58051-900 – João Pessoa/PB ((83) 3216-7791 – E-mail: eticaccsufpb@hotmail.com

Apêndice 2 – Roteiro da Entrevista

OS PROCESSOS DE ENTRADA E PERMANÊNCIA DAS TRAVESTIS E DAS MULHERES TRANSEXUAIS NO MERCADO DE TRABALHO

Curso de Terapia Ocupacional (UFPB) - 2016/2017

Tatiana de Sousa Ferreira e Beatriz Prado Pereira

Roteiro De Entrevista

Apresentação Dos Objetivos Da Pesquisa

Identificação – Dados Pessoais

Nome:

Idade:

Identidade de gênero:

Orientação sexual:

Profissão:

Local de trabalho:

Nível de escolaridade:

Contato:

Os processos de entrada no mercado de trabalho;

1. Sobre o caminho percorrido no mercado de trabalho (locais onde já trabalhou, as funções, tempo de permanência...).
2. E como foi o acesso a este trabalho atual?
3. Existiram barreiras ou impedimentos para esse acesso? Comente.
4. Você acha que as mulheres transexuais/ travestis tem dificuldades no acesso ao mercado de trabalho? Você teve alguma dificuldade de acesso por ser mulher transexual/travesti?

A permanência no mercado de trabalho;

5. Sobre a rotina no trabalho (o que faz, a função que exerce, os horários, as relações...)
6. Quais os pontos negativos e positivos do mercado de trabalho?
7. Como é a relação com as pessoas do seu trabalho? Comente.

8. Já aconteceram situações de preconceito por você ser mulher transexual/travesti no seu trabalho? Se sim, como você lidou com elas? Existe alguma forma de mudar esse tipo de situação? Como?

11. Você gosta do seu trabalho e das relações com as pessoas desse meio?

12. Se tivesse outra oportunidade estaria em outro local de trabalho? O que tem de interesse e desejo em relação à trabalho?

outros comentários, questões, observações